

A CONSTRUÇÃO DO PAPEL MATERNO: UMA ANÁLISE DA OBRA CINEMATOGRAFICA “TULLY” (2018) NA PERSPECTIVA DO PSICODRAMA

*THE CONSTRUCTION OF THE MATERNAL ROLE: AN
ANALYSIS OF THE CINEMATOGRAPHIC WORK “TULLY” (2018)
FROM THE PERSPECTIVE OF PSYCHODRAMA*

Sabrina Cabral Rocha¹

Andréia Martins²

RESUMO: A maternidade é um período caracterizado por grandes mudanças em vários âmbitos da vida de uma mulher, que acarretam transformações e reflexões internas importantes. Neste artigo se discutem fundamentos importantes da teoria psicodramática identificados na obra cinematográfica “Tully” (2018), dirigida por Jason Reitman que tem como tema a maternidade. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre a construção do papel materno, no contexto da obra cinematográfica “Tully” (2018), na perspectiva do Psicodrama. O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, que tem como método o estudo de caso. Observou-se, por meio das cenas analisadas, os conceitos de papel, espontaneidade-criatividade e realidade suplementar. Levando em consideração esses aspectos, conclui-se que o processo de se tornar mãe, parte primeiramente das conservas culturais da mulher e a elaboração do papel materno se dá pelas fases de *role-taking*, *role-playing* e *role-creating*.

Palavras-Chave: psicodrama; maternidade; obra cinematográfica “Tully” (2018).

ABSTRACT: Maternity is a period characterized by major changes in various areas of a woman's life, which lead to important transformations and internal reflections. This article discusses important foundations of psychodramatic theory

¹ Graduanda do curso de Psicologia da UNIFE. *E-mail:* sabrina.rocha@unifebe.edu.br

² Professora do curso de Psicologia da UNIFE e orientadora deste estudo.

E-mail:

andreia.martins@unifebe.edu.br



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “Tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

identified in the cinematographic work “Tully” (2018), directed by Jason Reitman, whose theme is motherhood. In this sense, this research sought to understand how the construction of the maternal role in Psychodrama occurs through exploratory research, which uses the case study as a method. It was observed, through the analyzed scenes, the concepts of role, spontaneity-creativity, and supplementary reality. Taking these aspects into account, it is concluded that the process of becoming a mother, primarily part of the cultural conservation of women and the elaboration of the maternal role, takes place through the role-taking, role-playing, and role-creating phases.

Keywords: psychodrama; maternity; cinematographic work “Tully” (2018).

1 LUZ, CÂMERA, AÇÃO: A MATERNIDADE NO PALCO DA VIDA

A maternidade se caracteriza como uma fase repleta de mudanças na vida de uma mulher, tanto fisiológicas como psicológicas e sociais (MALDONADO, 1976). Suas relações, seus posicionamentos, sua rotina e a visão de si mesma se alteram com a chegada de um filho. Além dessas transformações, é preciso lidar com os deveres que são impostos pela sociedade ao ser assumido esse papel (GIORDANI *et al.*, 2018).

Diante dessas mudanças, muitas mulheres podem passar por momentos de tristezas, incertezas e angústias que podem vir a gerar um adoecimento. Pensar nesse adoecimento diante da maternidade para algumas pessoas ainda pode causar estranheza, dado que a gravidez é vista como um momento de alegria, de realização de sonhos e de desejos em meio à vida familiar (KANSOU *et al.*, 2018).

Dessa forma, o interesse em discorrer sobre o tema maternidade surgiu pelas vivências na clínica-escola de Psicologia da UNIFEBE, no papel de estagiária, ao atender mulheres que eram mães, também ao estagiar com um grupo de mães de crianças atendidas pelo núcleo de Atendimento Educacional Especializado do município de Brusque – SC e pelo fato de vivenciar o



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

puerpério no contexto familiar. As demandas apresentadas por essas mulheres estavam sempre relacionadas às dificuldades em exercer o papel materno e a sobrecarga que este causava sobre os demais papéis de seu cotidiano.

O presente artigo tem o seguinte objetivo geral: compreender como ocorre a construção do papel materno, no contexto da obra cinematográfica “Tully” (2018), na perspectiva do Psicodrama. O referido filme conta a história de Marlo, uma mãe de três crianças, sendo uma delas um recém-nascido, tentando lidar com as múltiplas tarefas que o papel materno requer. Em relação aos objetivos específicos, esses se caracterizam por: identificar as cenas do filme que representam a realidade suplementar; verificar a espontaneidade/criatividade produzidas pela protagonista do filme e analisar em que fase da Matriz de Identidade a protagonista se encontra.

O Psicodrama é uma abordagem terapêutica que utiliza o método de ação, segundo Moreno (1974, p. 61) é a “ciência que explora a “verdade” por meio de métodos dramáticos”. A teoria não tem como enfoque somente o indivíduo, mas também suas relações e seu meio social, destacando que ele nasce com recursos que fazem com que ele crie respostas para velhas ou novas situações chamado espontaneidade-criatividade.

A seguir, o presente estudo inicia-se com o Roteiro Literário, que é uma breve apresentação dos referenciais teóricos utilizados sobre a maternidade, a teoria psicodramática e o filme. Posteriormente, serão descritos a metodologia desenvolvida (Roteiro Técnico), os resultados encontrados (Clímax: O cinema como espelho da maternidade) e por último as considerações finais (Resoluções).

2 ROTEIRO LITERÁRIO

2.1 SER MÃE: ASPECTOS HISTÓRICOS DA MATERNIDADE

Para problematizar um conceito amplo como o de maternidade, faz-se importante analisar toda a construção histórica e cultural que o rege. Pensando



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

na cultura ocidental é possível compreender Maria, mãe de Jesus, como a primeira representação social do que seria uma mãe e mulher ideal. Segundo Vazquez (2014,p. 169), “Maria foi construída como exemplo de mãe, ou melhor, foi discursivamente criada como sendo “a mãe” por excelência. Ela é aquela que tudo suporta, que sofre calada, que se mantém casta, mesmo depois do parto”. Em outras palavras, diante desta questão, a principal característica de uma maternidade ideal é a renúncia de seus próprios desejos pelo cuidado dos filhos, marido e casa.

Ao final do século XVIII, devido às altas taxas de mortalidade infantil não era pensado como na época de Maria, nessa época as relações entre mães e filhos se constituíam de forma distante, as responsabilidades ante os cuidados das crianças eram repassadas a terceiros, por exemplo, a amamentação, visto que os bebês eram amamentados pelas amas de leite (BADINTER, 1985). No decorrer do século XIX, os papéis sociais passam a ser diferenciados, os cuidados com os filhos e a família ficam sob responsabilidade exclusiva da mãe, sendo coroada como a “rainha do lar”, já o pai fica com a função de ocupar o espaço público, tendo o dever de manter financeiramente a casa (DE LA CRUZ, 2019).

Conforme Machado, Penna e Almeida (2020, p.1121):

O culto à maternidade e de todas as funções exigidas pela manutenção do bem-estar da prole foi o terreno fértil para que o amor materno fosse naturalizado e generalizado enquanto condição feminina referendada pelo determinismo biológico.

Nesse momento, ser mulher estava totalmente relacionado ao ser e tornar-se mãe, conforme Clemens (2015, p. 46), “Ao gestar e maternar, as mulheres colaborariam para a manutenção da vida e da reprodução social. Desta forma poderiam obter valor, honra e reconhecimento sociais.

Com a industrialização e a entrada das mulheres no mercado de trabalho, ocorreu uma mudança na composição familiar no século XX. Anteriormente, as mulheres que eram destinadas somente ao desenvolvimento do seu papel materno e se dedicavam integralmente a ele, passaram a desempenhar novos papéis, o que acabou gerando o movimento



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

feminista, intitulado como “dupla jornada de trabalho” (SCAVONE, 2001).

Ocupando novas funções, as mulheres passaram a refletir sobre a escolha de exercer ou não a maternidade, levando em consideração todos os fatores econômicos, sociais e pessoais do contexto no qual está inserida e esse pensamento vem se perpetuando até a atualidade. De acordo com Barbosa, Rocha-Coutinho (2007) adiar a maternidade é comum atualmente, visto que a maioria das mulheres busca priorizar sua carreira profissional. Aquelas que buscam por uma consolidação no mercado de trabalho não querem interromper a sua carreira em prol da maternidade, uma vez que os cuidados de um filho demanda dedicação integral, principalmente no primeiro ano de vida.

No final do século XX e início do século XXI, devido à forte influência do movimento feminista, surge a ideia de que a mulher está limitada somente a exercer papéis dedicados ao trabalho doméstico e a maternidade está em declínio. Segundo Patias, Buaes (2012, p. 301) “em relação à maternidade, pontua-se que diferentes significados atribuídos à experiência de ser mãe nas sociedades em que vivemos hoje tornam incertezas e transitórias as identidades sociais”. Devido a essas questões, há a participação de outros membros da família (pai, avós, tios, irmãos) nos cuidados e nas responsabilidades com os filhos (DE LA CRUZ, 2019).

2.2 TORNAR-SE MÃE: DA GESTAÇÃO AO PUERPÉRIO

Como visto anteriormente há todo um processo histórico que vem fomentar a concretização da maternidade na vida de uma mulher. Desde a infância por meio das brincadeiras de bonecas, é possível observar um estímulo social sempre destinado às meninas que é voltado a aprendizagens relacionadas aos cuidados maternos, como se fosse uma preparação para a vida adulta (AGUIAR, 2019). O despertar para a maternidade inicia-se nesse momento, porém o papel materno passa a se consolidar a partir do desejo de ser mãe e da concepção da criança, dando início, assim, a uma fase cheia de mudanças.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

Desde a concepção, as primeiras mudanças aparecem no corpo da mulher. Essas mudanças podem ser internas ou externas, algumas facilmente perceptíveis e outras menos, conforme o corpo vai se ajustando às necessidades do bebê. As alterações internas se caracterizam pelas variações hormonais, visto que alguns dos hormônios que já eram produzidos, na gestação, são produzidos em um maior índice (progesterona e estrogênio) além disso, existe a produção de novos hormônios. Ainda, citam-se como modificações internas, as alterações na circulação, na pressão arterial e no metabolismo. Já, no que diz respeito às alterações externas (alterações físicas) identificam-se além de o aumento de peso, a barriga maior e os seios mais volumosos, alterações na pele como estrias, acne, cloasma, entre outras (TABORDA, DEUTSCH, 2009).

Além dessas alterações citadas, a gestante precisa lidar com todas as questões psicológicas que estão relacionadas ao momento de gerar um bebê. Maldonado (1976) descreve a gravidez como um processo de crise ou transição, já que é um momento no qual há a necessidade de uma reorganização em vários aspectos, assim, podendo ser manifestados conflitos antigos de sua própria criança.

Porém não é só na gestação que ocorrem alterações na vida da mulher, a chegada do bebê acaba por gerar grandes impactos, visto que é um grande momento de adaptação. Durante o pós-parto ocorre o que muitos autores chamam de *baby blues* ou *blues* do pós-parto, um estágio do puerpério que inicia após o terceiro e quarto dia do pós-parto, quando ocorre a manifestação de sintomas como: a mudança repentina de humor várias vezes ao dia, choro, cansaço, cefaleia, tristeza, irritabilidade, entre outros, que se manifestam sem motivo aparente. É importante salientar que essa fase não deve ser confundida com a depressão pós-parto, visto que os sintomas duram por poucos dias, em média duas semanas e desaparecem de forma repentina (COSTA, 2015).

A depressão pós-parto se caracteriza por um transtorno psiquiátrico, provoca alterações cognitivas, emocionais, comportamentais e físicas que acarretam em dificuldade para a mãe, bebê, família, surgindo após o *baby blues*. Os cuidados com o bebê são fatores importantes perante a depressão



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

pós-parto, já que a mãe não consegue estabelecer vínculo com o filho e muitas vezes não consegue atender às demandas da criança. A depressão pós-parto pode durar anos e pode ter como comorbidades outros transtornos (DE OLIVEIRA, *et al.*, 2019).

Os impactos com a chegada do filho são grandes, pois aquele bebê que foi tão esperado e idealizado agora é um bebê real que necessita de atenção e cuidados. Zanata, Pereira e Alves (2017) realizaram uma pesquisa com mães que estavam vivenciando a maternidade pela primeira vez, para identificar quais são os efeitos e mudanças que essas mães experienciaram com esse novo papel. As autoras concluíram que as mudanças que ocorrem no corpo geram insatisfação nessas mães, alterando sua autoimagem e autoestima. Apontam também, uma mudança nos relacionamentos, principalmente com o cônjuge, o excesso de preocupação com o cuidado do filho, fazendo com que as mesmas negligenciassem o seu próprio cuidado, as limitações físicas do pós-parto, entre outras mudanças são destacadas.

Por isso, é de extrema importância que a gestante tenha desde o início, um acompanhamento psicológico e que exista um espaço para que as mães dialoguem sobre os aspectos psicossociais relativos ao filho, à gestação, ao parto, à amamentação e às outras mudanças que geram ao assumir o papel materno. A autonomia da mulher em escolher como quer passar por esse momento, também se torna um fator importante para diminuir a ansiedade (FONSECA, *et al.*, 2018).

2.3 PSICODRAMA: A TEORIA DA AÇÃO

O Psicodrama é uma abordagem terapêutica criada por Jacob Levy Moreno (1886 -1974), que tem como método uma ação profunda, com o intuito de mediar o protagonista na criação de respostas novas a situações que geram sofrimento, oferecendo elementos para a compreensão de seu Eu, ocorrendo de forma natural e inesperada, estimulando, assim, as respostas espontâneas tanto do paciente quanto do terapeuta. Por meio da dramatização



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

o protagonista representa eventos que já ocorreram, revive-os e observa o mesmo cenário por diversas variações (CUKIER, 2018).

Segundo Moreno (1975) o sujeito nasce com recursos que favorecem a criação de respostas e da tomada de decisões, recurso esse que podem ser oprimidos por meio do ambiente e dos sistemas sociais, ou seja, de suas conservas culturais. As conservas culturais servem para preservar as características de uma cultura que o indivíduo está inserido, como comportamentos, costumes, objetos materiais (obras, arte) tudo aquilo que se cristaliza no indivíduo, cabe a ele a usar como ponto de partida para desenvolver sua criatividade e espontaneidade, nome dado por Moreno para esse recurso transformador do sujeito.

O método psicodramático tem como principais instrumentos o cenário (lugar da ação dramática), o protagonista (paciente), diretor(a) (terapeuta), ego-auxiliares (terapeutas auxiliares) e o público. As etapas do Psicodrama são divididas entre o aquecimento (feito para auxiliar no surgimento da demanda), dramatização (etapa de vivenciar a cena, a ação dramática) e compartilhamento (feito para expor sentimentose pensamentos que surgiram durante a dramatização) (MORENO, 1974).

Faz-se necessário destacar que o Psicodrama nasceu da teoria da Socionomia de Moreno, que se caracteriza pelos estudos das leis que regem o comportamento grupal e social. O tripé da Socionomia é composto pela Sociodinâmica, que ocorre pela dinâmica das relações sociais e que tem como método o *role-playing*, a Sociometria, que mede as relações entre pessoas e que possui como método o teste sociométrico e a Sociatria, que é a terapêutica das relações sociais, e que utiliza como método a psicoterapia de grupo, o Psicodrama e o Sociodrama (CUKIER, 2018).

Nery (2010) relata que o grupo é composto por várias pessoas que possuem papéis diferenciados muitas vezes, mas que estão interligados por objetivos sociais comuns. Dessa forma, ocorre a formação de dinâmicas de relações próprias que se formam por meio de processos afetivos, conflitos, práticas de poder, entre outros. Os papéis aqui mencionados, caracterizam-



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

se pela forma que o indivíduo assume para reagir a cada situação e ambiente, é por meio dele que nos apresentamos ao mundo.

Dentro da teoria psicodramática existe a descrição de três tipos de papéis. O papel psicodramático que é a personificação de coisas imaginadas, tanto reais quanto irreais, são os papéis assumidos em ação dramática, por meio dele o protagonista expressa as características do grupo e as suas. Os papéis sociais são aqueles papéis que assumimos dentro de nosso átomo social, como: filho, pai, esposo etc.; e os papéis psicossomáticos são a parte mais profunda do ser, sua essência, o núcleo do eu, do qual emergem todos os outros papéis. Os papéis começam a se estabelecer a partir da concepção e são um conjunto de características subjetivas e coletivas que são observáveis no sujeito, que dão origem à sua Matriz de Identidade (MORENO, 1975).

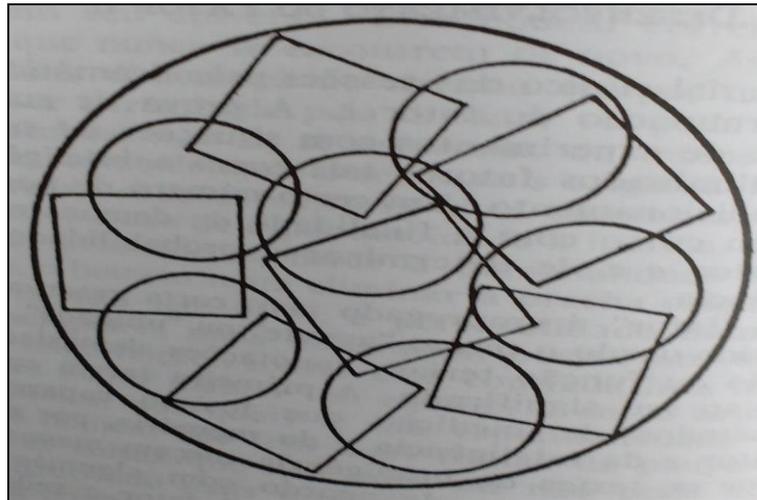
Segundo Lima (2010, p. 66) “a viabilização do Psicodrama enquanto prática se assenta sobre o tripé: contextos, etapas e instrumentos, os quais articulados entre si, fazem acontecer a ação dramática”. Diante disso, o Psicodrama trabalha então em três contextos, sendo eles o grupal que é constituído pela realidade do grupo; o social que é caracterizado pela realidade social no qual esse grupo está inserido; e o psicodramático que é constituído pela realidade dramática, no caso a realidade suplementar, o “como se” (FILHO, 2015).

A Matriz de Identidade é o ambiente em que o sujeito está inserido desde o nascimento. Como relata Zomer (2017): “a criança não vive só, desde o seu nascimento relaciona-se com as pessoas e objetos do seu meio. Esse meio do qual ela faz parte é constituído por fatores sociais, materiais e psicológicos.” Por meio da matriz a criança passa a se desenvolver, quando nasce ela entra no primeiro universo da matriz que se denomina como Matriz da Identidade Total que se caracteriza pela criança não conseguir diferenciar ela do mundo, objetos de pessoas, tudo é um. Na Figura 1, a seguir, demonstra-se a configuração, segundo Moreno (1975) da Matriz da Identidade Total, a saber:

Figura 1 – Matriz da Identidade Total.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama



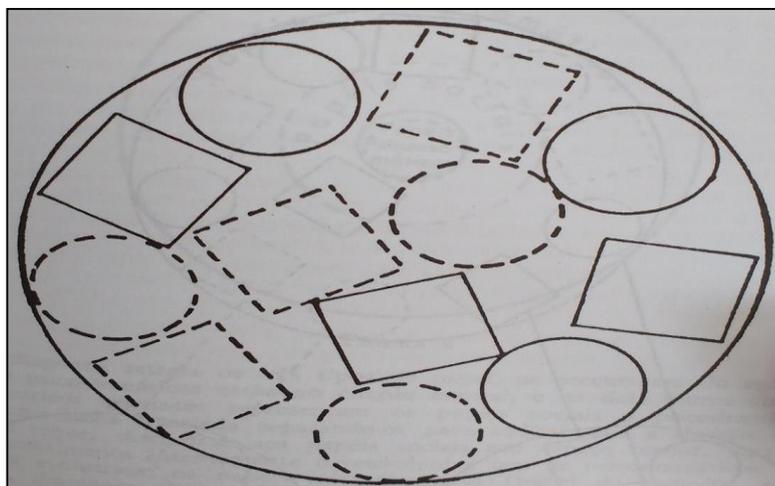
Fonte: Moreno (1975, p. 126).

Conforme Moreno descreve (1975, p. 126):

O círculo grande representa o mundo infantil. Os círculos pequenos, dentro dele, representam organismos vivos, por exemplo pessoas ou animais. Os quadrados representam objetos tais como coisas inanimadas, alimentos ou artefatos mecânicos como a mamadeira. Os círculos e os quadrados se sobrepõem-se para indicar que os indivíduos e os objetos ainda não são experimentados como unidades separadas mas que se fundem em diversas configurações, à medida que entram na esfera de ação da criança.

O segundo universo é a Matriz de Identidade Total Diferenciada, a partir desse ponto a criança já consegue começar a entender o limite dos objetos e já começa a diferenciação. Na Figura 2, a seguir, demonstra-se a representação da Matriz da Identidade Total Diferenciada conforme Moreno (1975):

Figura 2 - Matriz da Identidade Total Diferenciada



Fonte: Moreno (1975, p. 127).

A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

Moreno (1975, p. 127) caracteriza a Matriz de Identidade Total Diferenciada como:

O círculo grande representa o mundo infantil. Os círculos pequenos representam indivíduos; os quadrados representam objetos. Estão separados uns dos outros porque já são diferenciados como unidades que atuam separadamente. Mas estão todos incluídos no círculo grande porque a criança atribui-lhes o mesmo grau de realidade. Os círculos tracejados representam indivíduos imaginados e os quadrados tracejados, objetos imaginados. Diferenciam-se uns dos outros mas são considerados igualmente reais – como indivíduos reais e objetos reais.

Entre as duas existe uma brecha chamada de Matriz de Identidade da Brecha entre Fantasia e Realidade, que é quando a criança começa a identificar que existe um mundo de fantasia e realidade, que são diferentes entre si (MORENO, 1975).

Moreno primeiramente descreveu a formação da matriz em cinco etapas: A primeira fase foi descrita como a da indiferenciação onde a criança, a mãe e o mundo são uma coisa só; a segunda fase é quando a criança concentra a atenção no outro, esquecendo de si; já na terceira fase ocorre o movimento inverso, a criança está atenta a si mesma, ignorando o outro; Na quarta fase a criança já se arrisca a tomar o papel do outro, porém não suporta o outro no seu papel e na quinta e última fase o sujeito já aceita a troca de papéis (FONSECA FILHO, 2008).

Mais tarde, após outros estudos, Moreno contextualizou a formação da matriz em três etapas de desenvolvimento, a primeira é a fase do duplo em que a criança precisa de auxílio de alguém, para fazer por ela aquilo que ela ainda não consegue (ego-auxiliar). A segunda etapa é a do espelho em que a criança se percebe no mundo. Já a terceira e última etapa é da inversão em que a criança percebe o outro e o seu papel (FONSECA FILHO, 2008).

3 ROTEIRO TÉCNICO

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo de abordagem qualitativa. Uma das características da pesquisa qualitativa diz respeito ao



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “Tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

processo interpretativo acerca de um fenômeno (SILVA *et al.*, 2018). Essa pesquisa assume a tipologia exploratória. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51):

A pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.

O método da pesquisa é classificado como um estudo de caso pois se trata de uma análise precisa acerca de um fenômeno, consistindo da utilização de vários métodos para um recolhimento maior de informações em relação ao caso estudado (VENTURA, 2007). O filme “Tully” (2018) foi a obra analisada, visto que apresenta características da maternidade, das mudanças que ocorrem na vida da mulher e na dinâmica familiar com a chegada de um bebê. O referido filme foi assistido várias vezes para que fosse possível a coleta e análise das cenas. Desenvolveu-se a coleta de dados por meio da análise documental, que de acordo com Gil (2017) descreve como modalidade de pesquisa que utiliza todo tipo de documento já existente que comprove alguma informação relevante ao trabalho.

Santeiro e Rossato (2013) declaram que dentro da Psicologia existem muitos instrumentos que podem ser utilizados para desenvolver o conhecimento acerca dos fenômenos psicológicos, que o cinema é um deles e vem sendo muito requisitado por promover que o acadêmico ou psicólogo visualize a vivência de temáticas que podem ser encontradas em qualquer contexto em que estiver inserido. Portanto, para a análise do filme “Tully”, foram utilizadas como base todos os conceitos que foram apresentados na fundamentação teórica e selecionadas cenas em que se possam identificar fundamentos importantes da teoria psicodramática, para assim alcançar os objetivos propostos nessa pesquisa.

4 CLÍMAX: O CINEMA COMO ESPELHO DA MATERNIDADE

O filme “Tully” (2018) apresenta a história de Marlo, uma mulher, casada, mãe de dois filhos, que inicialmente está grávida do terceiro. No início



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

do filme Marlo está nos estágios finais da gestação, já apresentando um certo cansaço, seu irmão fica preocupado e a presenteia com uma babá noturna, ideia essa que ela rejeita de imediato, alegando não se sentir confortável com algum desconhecido cuidando de seu bebê (TULLY, 2018).

Ao nascer o terceiro filho, Marlo se vê vivendo uma vida atarefada e de cuidados com eles, divide-se em cuidar da filha recém-nascida Mia, da casa e dos cuidados dos filhos mais velhos Jonah e Sarah, principalmente Jonah, o filho do meio, que é visto como uma “criança atípica[sic]” (TULLY, 2018), a qual necessita de mais cuidados. Quando Marlo se percebe muito sobrecarregada, necessitando de ajuda para lidar com todas essas questões, liga para a babá indicada por seu irmão (TULLY, 2018).

Tully é a babá noturna que entra na rotina da família para cuidar não apenas do bebê, mas também para cuidar de Marlo e é desse relacionamento entre mãe e babá que ocorre o desenrolar do filme. Por se tratar de uma babá noturna, Tully chega à casa da família todos os dias às 22 horas, encerrando suas atividades antes mesmo de todos acordarem, ou seja, apenas Marlo, além da bebê é que se relacionam com a babá (TULLY, 2018).

No início, Marlo se sente desconfortável com a sabedoria e espírito livre de Tully, mas com o tempo a relação das duas começa a se fortalecer e se tornar cada vez mais íntima. O cuidado de Tully com a recém-nascida, com a casa, executando tarefas que Marlo não dava conta de fazer, fazem com que a própria se sinta a cada dia melhor, mais confiante e disposta para sua rotina. Ao final do filme Tully convida Marlo para sair, para anunciar que irá embora, fazendo com que Marlo fique muito desapontada e após uma discussão acerca disso, Marlo sofre um acidente de carro, dorme no volante e acaba caindo com o carro no mar. No hospital, o telespectador descobre que na verdade, Tully nunca existiu, todas as tarefas eram realizadas por Marlo que estava vivendo em uma exaustão profunda e uma privação de sono e que Marlo já havia passado por uma depressão pós-parto após o nascimento de Jonah, seu filho do meio (TULLY, 2018).

Como citado anteriormente, Marlo é mãe de três crianças. Ser mãe é



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

um dos vários papéis que Marlo desempenha, além disso, Marlo é esposa, irmã, cunhada e tia. De acordo com Moreno (1975, p. 56), “Os pontos de cristalização perceptíveis disso que nós chamamos de eu são os papéis nos quais esse eu se manifesta. Papéis e suas relações entre si são os fenômenos mais importantes de uma determinada cultura.”

A construção e a estruturação de um papel à luz do Psicodrama, ocorre em três fases, que dentro da teoria se denomina como: *role-taking*, *role-playing* e *role-creating*. A primeira fase, denominada de *role-taking*, é quando a pessoa começa a desenvolver um novo papel, por meio de suas reservas culturais, fazendo com que o sujeito apenas reproduza características preestabelecidas (KAUFMAN, 1998). Durante o filme, por se tratar do terceiro filho não é possível ver exatamente como se construiu o papel de mãe de Marlo, mas é possível pensar em como se constituiu o papel de mãe de três filhos. Marlo expressa muita insegurança perante as reservas culturais desse papel. Em um de seus diálogos com Tully, ao escutar ser uma ótima mãe, Marlo declara “ótimas mães fazem coisas que estou cansada demais para fazer [sic]” (TULLY, 2018), ou seja Marlo não se via como uma boa mãe, por não conseguir dar conta de organizar festinhas, noite de jogos e fazer *cupcakes* de *emojis*, mas aquelas mães em seu meio social que faziam essas coisas eram consideradas as ótimas mães.

A segunda fase é o *role-playing*, quando ocorre a representação do papel, de forma que o indivíduo se permita explorar as várias formas de desempenhar um determinado papel (KAUFMAN, 1998). Marlo já vinha desempenhando o papel de mãe, mas muitas vezes reproduzindo ações que via ou que diziam que era ação de uma mãe. No início do filme podemos observar Marlo escovando o filho Jonah, no meio do filme compreende-se que essa ação faz parte da rotina familiar e que Marlo faz isso, por não ter dinheiro para continuar pagando o terapeuta do filho que havia dito a ela que escová-lo ajudaria a reduzir a sua sensibilidade durante o dia. Nas cenas finais do filme, em um momento com Jonah, Marlo decide continuar com a rotina de fazer carinho no filho toda a noite, mas não porque alguém disse para fazer, e sim



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

porque ela compreendeu o quanto esse momento era importante e único para ele, mas também para ela. O modo de escová-lo também mudou, Marlo não usou mais a escova como haviam sugerido, explorando, assim, outras formas de ser mãe.

A terceira e última fase é o *role-creating*, que se caracteriza por desempenhar o papel de forma criativa e espontânea, quebrando conservas culturais, criando diferentes respostas para situações antigas (KAUFMAN, 1998). Após todos os desdobramentos do filme, em que Marlo se despede de Tully e sua família compreende o que a mesma está passando, Marlo passa a caminhar do *role-playing* para a fase de *role-creating*, passagem essa, observada na última cena do filme na qual Marlo está fazendo o jantar com o marido, e, assim, demonstra que está criando alternativas criativas e espontâneas para lidar com as questões diárias, diversificando suas conservas culturais.

No primeiro diálogo do filme entre Tully e Marlo, Tully diz que veio para cuidar de Marlo e Marlo questiona “pensei que você fosse cuidar do bebê [sic]” (TULLY, 2018), como resposta Tully ressalta “Você é praticamente o bebê, apesar dessa mocinha estar na Terra há três semanas, o DNA dela ainda está dentro de você [...] agora ela é só, praticamente uma extensão sua”. Ou seja, nesse momento tanto Mia quanto Marlo se encontram no primeiro universo, na Matriz de Identidade Total.

A Matriz de Identidade Total se caracteriza por um período de caos, quando segundo Moreno (1975, p.126), “os indivíduos e os objetos ainda não são experimentados como unidades separadas, mas que se fundem em diversas configurações, à medida que entram na esfera de ação da criança”. Diante disso, Marlo era somente mãe, não conseguia se desvincular e desempenhar outros papéis naquele momento. Em uma das cenas do filme, quando discorre sobre sua vida sexual, Marlo relata: “eu seguro um bebê um dia inteiro [...] quando a noite chega, eu não consigo simplesmente girar a chavinha e oi olha como estou sexy agora [sic]”.

A mãe, além de representar uma única unidade frente ao filho, trabalha



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

como seu ego-auxiliar. O bebê precisa de ajuda ao ser gerado, ao nascer, mas também necessita de ajuda nessa fase para comer, dormir, deslocar-se e assim por diante. Quem o auxilia nesse período representa uma extensão de seu próprio corpo, é a extensão do seu ego, conforme Moreno (1975) por causa disso leva o nome de ego-auxiliar. Então, nesse caso se o bebê precisa desse ego-auxiliar ao estar nessa fase da Matriz de Identidade, a mãe que se encontra na mesma fase caracteriza por um período de caos, também necessita desse ego-auxiliar para conseguir lidar com este momento. Por isso, além do encontro com Violet, a falta desse ego-auxiliar também foi fator importante para que Marlo sentisse a necessidade de criar uma realidade suplementar na qual estivesse alguém que ocupasse esse papel, no caso Tully.

Tully foi o ego-auxiliar de Marlo durante o filme, em meio ao caos que estava a sua vida, tendo que lidar com as demandas maternas, era Tully que a ajudava. Tully fazia *cupcakes*, limpava a casa, cuidava de Mia, mas principalmente acolhia as dores de Marlo. Em uma das cenas Marlo relata a Tully “É que não estou acostumada das pessoas fazerem as coisas por mim [sic]” (TULLY, 2018), demonstrando que ela sempre esteve nesse papel de cuidar, de auxiliar, mas de não ser cuidada.

Assim, com a ajuda de Tully, seu ego-auxiliar, Marlo começa a se deslocar para a Matriz de Identidade Total Diferenciada, pois segundo Moreno (1975) nesta fase os indivíduos já estão diferenciados como unidades que atuam separadamente. Marlo começa a cuidar de si além de cuidar dos outros. Em determinada cena sua filha mais velha Sarah questiona: “Mãe, por que você está usando maquiagem? [sic]” (TULLY, 2018) e Marlo responde: “Para me sentir bonita [sic]” (TULLY, 2018). Marlo volta a desempenhar outros papéis que estavam sendo negligenciados, como o de mulher e o de esposa.

A Matriz de Identidade é o lugar onde ocorre o desenvolvimento e a expressão da espontaneidade após o nascimento. Quando o bebê nasce, ele se encontra em um conjunto de relacionamentos completamente desconhecidos, sem modelo pelo qual possa modelar suas ações. Nesses



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

primeiros anos se depara com novas situações mais do que em qualquer outro período de sua vida, ou seja, as respostas dadas a essas novas situações que não vieram de modelos precedentes, são espontâneas (MORENO, 1975).

Desse modo, da mesma forma que o bebê precisa ser espontâneo, a mãe também precisa para conseguir lidar com as demandas que seu mais novo papel exige. No caso de Marlo, por mais que ela já tenha tido outros filhos, ainda assim é uma nova situação, visto que eles continuam demandando dela com Mia que acaba de nascer. Marlo usa de seu recurso de Espontaneidade-Criatividade ao problematizar as conservas culturais acerca do papel materno. Conforme Monteiro (2012, p.11) relata:

As mães são todas iguais. Umass assumem o papel de vítima e se acomodam. Outras assumem o de guerreiras e algumas ainda “terceirizam” seus filhos. As mães se sentem muito culpadas quando percebem que suas famílias não seguem o modelo da família “perfeita”. O peso dessa culpa faz que acabem mimando seus filhos e não exerçam a autoridade que lhes compete. As mães se queixam de não ter autoridade e da ausência dos pais. Na verdade, também temem assumir os seus filhos. Ninguém quer carregar o peso da responsabilidade, então, pedem conselho e orientação a terceiros, quando bastaria assumir aquilo que pensam e em que acreditam, sem medo de errar ou sentir culpa.

Marlo em algumas falas apresenta essa vontade de ser a mãe ideal. A mãe ideal que acredita que deveria ser tem origem nas suas conservas culturais. Entretanto, Marlo não tem medo de demonstrar características que muitas vezes não são atribuídas à maternidade, questões que não são debatidas em nossa sociedade como o cansaço, sexualidade, mas principalmente o amor pelos filhos atrelados à infelicidade com o papel materno.

É quando Marlo encontra Violet, uma antiga colega de quarto da faculdade, que ela passa a refletir sobre todos os papéis que desempenha. Violet continua levando a mesma vida que Marlo levava quando estava na faculdade, mora em um *loft* no Brooklyn, sem filhos, sem marido, dirigindo uma moto. Nesse momento, ante esse encontro com o passado, Marlo passa a se questionar se a escolha de assumir os papéis maternos foram escolhas certas e se essas escolhas a estavam fazendo feliz, já que ela estava se sentindo “o



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

próprio caminhão do lixo” [sic] (TULLY, 2018) como relata a cunhada.

Com base nessas reflexões geradas por seu encontro com Violet acerca de seus papéis desempenhados, Marlo cria uma realidade suplementar para dar conta desses questionamentos. Segundo Moreno, Blomkvist e Rützel (2001, p. 45), “A realidade suplementar é usada para completar e curar, para ter um efeito integrador sobre o ego, de forma que o protagonista se sinta melhor e consiga tocar para frente a sua vida.”

De acordo com Soliani (1998, p. 76) a realidade suplementar é:

Este “a mais” de realidade que para o protagonista ou para o grupo é invisível até que ela apareça atrás da inversão de papéis com o marido, o filho, o patrão. É este *plus* de realidade que se permite quando se representam os personagens da alucinação ou delírio, essa superabundância de realidade quando se representam deus, o diabo, os contos de fada, os mitos, sonhos, desejos recônditos, essa abertura para uma realidade até então desconhecida e invisível.

Portanto, a realidade suplementar é o trabalho no imaginário feito com o protagonista, que faz ele imergir em um mundo fora do seu cotidiano e faz com que ele vivencie a experiências de viver vários outros papéis (SOLIANI, 1998). No caso de Marlo essa realidade suplementar, criada por ela para dar conta da sobrecarga de seu papel materno, realiza-se por meio da sua relação com a babá imaginária Tully, o seu eu mais jovem, ela na faculdade antes de ter filhos e marido.

Nos momentos de diálogos entre Marlo, Tully pode-se perceber as semelhanças, os mesmos gostos, a mesma música favorita, o que muda é o jeito que cada uma leva a vida. Tully foi criada por Marlo para que ela ajudasse a si própria a lidar com aquilo que ela não estava conseguindo lidar, mas principalmente para compreender que as escolhas que fez foram as que ela havia sonhado quando tinha a idade de Tully.

Nas últimas cenas onde Tully conta que vai embora, as duas discutem e Tully diz “eu só estava aqui para preencher um vazio, agora é hora de seguir em frente [sic]” (TULLY, 2018), após Marlo questioná-la sobre o que ela faria quando as mudanças corporais, sociais, de estilo de vida acontecessem, Tully fala “Eu não tenho medo do futuro. Você se convenceu que é um fracasso,



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

mas conseguiu realizar seu maior sonho, essa mesmice que você tanto despreza [sic]” (TULLY, 2018). Através da realidade suplementar criada, Marlo pode refletir e lembrar que quando vivia uma juventude conflituosa, com vários parceiros, sonhava com uma vida estável, com filhos, marido, rotina e criá-los nesse “círculo de segurança [sic]” (TULLY, 2018).

Desse modo, a realidade suplementar faz com que o protagonista consiga observar a sua própria realidade por outras perspectivas, perspectivas essas que não são familiares e que podem estar presentes no indivíduo (MORENO; BLOMKVIST; RÜTZEL, 2001). Durante todo o filme Marlo sonha com uma sereia nadando no mar, em um certo momento aparece até assistindo a um desenho de sereia. Ao final do filme é essa sereia que tira Marlo de dentro do carro ao sofrer o acidente, neste momento o telespectador vê que essa sereia é Tully. Tully veio para cuidar e curar Marlo, para salvá-la desse mergulho profundo em seu próprio interior e fazer com que ela perceba seus papéis e as dinâmicas deles.

5 RESOLUÇÕES

A presente pesquisa teve como objetivo geral compreender como ocorre a construção do papel materno por meio do Psicodrama, por meio da análise das cenas do filme apresentou-se como ocorre a elaboração de um papel, mais precisamente do papel de mãe. Diante das fases de *role-taking*, *role-playing* e *role-creating* entende-se que a construção do papel é um processo e que quando assumido há sempre um período de adequação até ser desempenhado de forma criativa e espontânea.

Características das conservas culturais diante do papel materno são apresentados desde a infância, fazendo com que ao se tornar mãe a mulher já tenha uma imagem de mãe ideal. Todavia, somente quando essa mulher se torna mãe é que ela percebe e reflete que nem tudo que lhe foi apresentado terá êxito, mas que ela deverá utilizar seus recursos de espontaneidade e criatividade para criar suas próprias respostas diante desse papel.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

No decorrer do filme, é possível observar que Marlo criou uma realidade suplementar para suportar o cansaço, as tristezas e as incertezas que a maternidade estava lhe gerando. Tully foi criada no imaginário de Marlo para fazer o papel de seu ego-auxiliar, alguém com quem pudesse dividir aquela carga que para ela estava pesada. Por meio dos diálogos com Tully, Marlo percebeu que a vida que levava foi tudo o que sonhou um dia. Tully apresentou a vida de uma outra forma para Marlo, por uma outra perspectiva.

A partir do filme, é possível observar que Marlo se encontrava na Matriz de Identidade Total, da qual não conseguia se desvincular de forma dinâmica de seu papel materno. Marlo era uma extensão de Mia e de seus outros filhos. Com a chegada de Tully, seu ego-auxiliar, Marlo começa a caminhar para Matriz de Identidade Total Diferenciada na qual passa a conseguir desempenhar outros papéis, além do de mãe.

O filme proporcionou visualizar como ocorre uma maternidade. Apresentou tanto as partes felizes quanto as que geram dificuldades para a mulher, gerando, assim, uma reflexão acerca de como a maternidade é representada nas obras cinematográficas e televisivas. A realidade precisa ser analisada, para que haja mais diálogos sobre as temáticas que cercam o papel materno e fazendo com que, assim, a importância do cuidado se estenda para aqueles que cuidam.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Lorena Marinho Silva. Brincar de boneca é coisa de menino. E de meninatambém!. **Diversidade: Diferentes, não Desiguais**, p. 47, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andrea-Velloso-2/publication/331423746_A_HOMOSSEXUALIDADE_E_A_UNIAO_HOMOAFETIVA_NA_PERSPECTIVA_DAS_REPRESENTACOES_SOCIAIS/links/5c8be260a6fdcc381755d82e/A-HOMOSSEXUALIDADE-E-A-UNIAO-HOMOAFETIVA-NA-PERSPECTIVA-DAS-REPRESENTACOES-SOCIAIS.pdf#page=55. Acesso em: 14 set. 2021.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, v. 19, p. 163-185, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pc/a/X3dyWtRFFFfy8wnyZMgzgYd/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 14 set. 2021.

CLEMENS, Juçara. **A (mal) dita maternidade: a maternidade e o feminino entre os ideais sociais e o silenciado.** 2015. Tese. (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135263>. Acesso em: 7 set. 2021.

COSTA, Paula Cristina Pires da. **Depressão Perinatal: das relações familiares ao desenvolvimento da criança. Estratégias de prevenção.** 2015. Tese. (Mestrado em Medicina). Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Angra do Heroísmo, 2015. Disponível em:

https://eg.uc.pt/bitstream/10316/30483/1/Depress%c3%a3o%20Perinatal_FMUC_2015_PaulaCosta.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

CUKIER, Rosa. **Psicodrama Bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente.** São Paulo: Ágora, 2018.

DE LA CRUZ, Antônia Alves. As transformações sociais e culturais da família. **Na prática jurídica**, p. 66, 2019. Disponível

em: <http://www.abpj.org.br/downloads/ec293632bea08dcab33eb99a29363f37.pdf#page=69>. Acesso em: 10 out. 2021.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully” (2018) na perspectiva do psicodrama

DE OLIVEIRA, Carla Carolina et al. Depressão Pós-Parto. **Revista Intercâmbio**, v. 15, p. 147-158, 2019. Disponível em:

file:///C:/Users/Aluno/Downloads/572-1798-1-PB.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

FILHO, Luis Altenfelder Silva. **Doença mental, um tratamento possível: Psicoterapia de grupo e psicodrama**. 1. ed. São Paulo: Ágora, 2015.

FONSECA FILHO, José da. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora, 2008.

FONSECA, Marina Nogueira de Assis *et al.* Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 141-155, 2018.

FONSECA, Marina Nogueira de Assis *et al.* Ambivalências do ser mãe: um estudo de caso em psicologia hospitalar. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 9, n. 2, p. 141-155, 2018. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v9n2/a09.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri *et al.* Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2731-2739, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n8/2731-2739/pt/> Acesso em: 21 out. 2021.

KAUFMAN, Arthur. Role-playing. F. Monteiro (org.), **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1998. 2a ed., p. 191-205.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

KANSOU, Andressa Moro *et al.* A Psicologia Dentro de um Hospital Maternidade: Levantamento de Dados. *In: Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE*. 2018. p.45-57. Disponível em:
<https://cbpsifae.fae.edu/cbps/article/viewFile/41/40>. Acesso em: 23 set. 2021.

LIMA, Liliana Aparecida de. Psicodrama e dinâmica de grupo: Re-criando as possibilidades para o ensino de Psicologia na Universidade. M. Barreto (org.), **Dinâmica de grupo: história, prática e vivências**. Campinas: Alínea, 2010. 4ed., p.55-85.

MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate**, v. 43, p. 1120-1131, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTVHSW8GhbhfhsNv8K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

MALDONADO, Maria Tereza P. **Psicologia da gravidez, parto e puerpério**. Petrópolis, Vozes, 1976.

MONTEIRO, Elizabeth. **A culpa é da mãe: Reflexões e confissões acerca da maternidade**. São Paulo: Summus, 2012.

MORENO, Jacob Levy. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, Zerka T., BLOMKVIST, Leif Dag, RUTZEL, Thomas. **A realidade suplementar e a arte de curar**. São Paulo: Ágora, 2001.

Nery, Maria da Penha. **Grupos e intervenção em conflitos**. São Paulo: Ágora, 2010.



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica "tully"
(2018) na perspectiva do psicodrama

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. " Tem que ser uma escolha da mulher"! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.

Psicologia & Sociedade, v. 24, p. 300-306, 2012. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Pkt7hm5DjrWrtk6KzqwgrYj/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 24 set. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. Editora Feevale, 2013.

SANTEIRO, Tales Vilela; ROSSATO, Lucas. Cinema e abuso sexual na infância e adolescência: contribuições à formação do psicólogo clínico.

Psicologia: teoria e prática, v. 15, n. 3, p. 83-94, 2013. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300006. Acesso em: 2 nov. 2021.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 5, p. 47-59, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2021.

SILVA, Raimunda Magalhães. *et al.* **Estudos qualitativos: enfoques teóricos e técnicas de coleta de informações**. (org.). Sobral: edições UVA, 2018. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook>. Acesso em: 7 set. 2021.

SOLIANI, Maria Luzia Carvalho. Realização simbólica e realidade suplementar. *In*: R.F. Monteiro (org.), **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo:



A construção do papel materno: uma análise da obra cinematográfica “tully”
(2018) na perspectiva do psicodrama

Ágora, 1998. 2. ed., p. 56-68.

TABORDA, Wladimir; DEUTSCH, Alice D. Agostini. **A bíblia da gravidez**. 1. ed. Editora CMS, 2009.

TULLY. Direção: Jason Reitman. Produção: Focus Features. Estados Unidos: Focus Features, 2018. HBOMAX.

VÁZQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História**, v. 3, n. 6, p. 167-181, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/sabri/Downloads/472-Texto%20do%20artigo-1093-1-10-20141202%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/sabri/Downloads/472-Texto%20do%20artigo-1093-1-10-20141202%20(2).pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível: http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf Acesso: 10 set. 2021.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000300005. Acesso em: 21 out. 2021.

ZOMER, Fabiana Jovencio. **Estudo exploratório da matriz de identidade de crianças da educação infantil**. 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18638/1/2017_FabianaJovencioZomer.pdf Acesso em: 18 out. 2021.

